

**USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA:  
AS ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS DA LITERATURA  
A NONA ARTE VISITA OS CLÁSSICOS**

*Luciana de Castro Souza* (UEMS)

[luciana\\_castro3@hotmail.com](mailto:luciana_castro3@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**1. Introdução**

A participação social de um indivíduo na sociedade é possibilitada pelo domínio da linguagem. É por meio desta que há comunicação entre membros de uma sociedade, há exposições de pontos de vista, de críticas, constrói-se uma visão de mundo e se produz cultura. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é imprescindível que haja um projeto educativo que se comprometa com a democratização social e cultural que faça com que a escola tenha a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Verifica-se, assim, que a responsabilidade da escola é imensa, uma vez que o grau de letramento da comunidade influencia diretamente no uso da linguagem pelo aluno. À escola, portanto, cabe ensinar a interagir por meio da linguagem, capacitando o discente a utilizá-la nas diversas circunstâncias. O professor, por sua vez, precisa desenvolver estratégias para o aprendizado do conhecimento linguístico e discursivo, com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem.

Sobre essa prática discursiva, Bakhtin (1992) afirma que para cada esfera da atividade humana, há tipos relativamente estáveis de enunciados, bem como gêneros que organizam os conhecimentos de determinadas maneiras, associadas às intenções e propósitos dos locutores.

Dessa forma, tendo em vista a necessidade de despertar no aluno a autonomia não só nos estudos de língua portuguesa, mas principalmente na maneira de organizar os enunciados, definir as intenções e propósitos comunicativos, pretende-se nesse artigo apresentar a redescoberta das histórias em quadrinhos e algumas possibilidades de uso em sala de aula. As histórias em quadrinhos, doravante HQs, de vilãs, passaram a protagonistas no ambiente escolar. Isso porque sua estrutura possibilita a leitu-

ra prazerosa e dinâmica.

A adaptação para os quadrinhos de clássicos da literatura viabilizou a leitura de obras nem sempre agradáveis e/ou atrativas principalmente para o público infantil. Pretende-se discutir certas vantagens e desvantagens no uso dessas adaptações nas aulas de língua portuguesa.

## **2. *Literatura em quadrinhos***

Segundo o quadrinista Will Eisner (2001), a quadrinização de narrativas tem suas primeiras tentativas no século XVI, em que havia experimentos medievais se debruçavam em uma composição verbo-icônica. Foi interrompida por um período, mas volta a ser evidenciada no século XVII. Naquele momento, circulavam panfletos e publicações populares bastante próximos à forma atual das revistas em quadrinhos.

A narrativa sequencial – ou histórias em quadrinhos –, foi reconhecida como pertencente ao universo literário, mas para tanto, sofreu durante muito tempo grande resistência. Umberto Eco (2000) foi fundamental nessa situação, pois a reconheceu como legítima forma de literatura de entretenimento.

Para que se tenha a ideia nítida a respeito dessa literatura em que se une a linguagem verbal e a linguagem não verbal, é importante a afirmação de Foucault (2009): “A ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível.” O texto, apesar de ter representações imagéticas, possui ainda muitos sentidos e imagens a serem contemplados pelo leitor, por conta de seu conhecimento de mundo, de suas vivências e de suas leituras.

No Brasil, a ascensão das adaptações das obras literárias para os quadrinhos tiveram como grande incentivador o próprio Governo Federal, ao incluir as histórias em quadrinhos de cunho educativo no Programa Biblioteca na Escola, distribuiu para estabelecimentos de ensino de todo o país. Esse grandioso cliente abriu um mercado gigantesco e fez com que as editoras buscassem mais adaptações.

Considerando que “A leitura não é prática neutra, é campo de disputa, é espaço de poder.” (ABREU, 2002), percebe-se que há confrontos entre a própria obra e o leitor, entre o imaginário da obra e o de seus interlocutores. Além do confronto que a própria leitura impõe, há o poder do mercado na circulação de obras impressas, que dominam e formam

padrões de gosto e de consumo, podendo também determinar sentidos privilegiados para a obra.

É nesse sentido que editoras e autores são desafiados, uma vez que precisam seduzir determinados leitores. Para alcançá-los, lançam mão de diversas estratégias. Criam armadilhas a fim de transformar os leitores em consumidores do produto oferecido. Dessa forma, há uma construção simbólica de um mercado consumidor, que ocorre por meio de estratégias textuais e editoriais que se mascaram.

Está posta uma das grandes dificuldades em relação às adaptações de obras clássicas da literatura para os quadrinhos, pois muitas vezes esse trabalho é feito como estratégia apenas para atender a um grande consumidor, o Governo Federal. Entretanto, ao invés de se prezar pela qualidade da adaptação, por vezes, deixa a desejar, ao empobrecer o texto com interpretações equivocadas e mesmo pela falta de esmero no trabalho com a linguagem não verbal.

### **3. A adaptação das obras em quadrinhos**

O uso das adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos deve ser feito com certo cuidado. Diversos são os textos adaptados, mas é preciso um olhar atento, bem como o conhecimento aprofundado da obra que originou a HQ, o que ocasionará um trabalho de qualidade em sala de aula. Essas adaptações auxiliam no papel do professor em estimular os discentes no gosto pela leitura.

Histórias em quadrinhos baseadas em obras literárias concretizam no papel uma leitura já feita e por isso direciona o ato da leitura. E ainda, segundo Patrícia Pina (2010), “permitem que os leitores, que ainda não têm um grande repertório a ser posto em ação no ato da leitura, se identifiquem mais intensamente com as personagens e suas ações, com a trama e suas ideias.”

O quadrinista Fábio Moon, que adaptou a obra *O Alienista*, de Machado de Assis, em entrevista ao *Jornal Metodista* salienta:

Quando se está escrevendo, o mundo que você cria está nas palavras e na imaginação do leitor, enquanto nos quadrinhos você tem que mostrar tudo aquilo. Se você tiver um número de páginas limitado, você terá que escolher melhor as imagens para caber tudo isso dentro da história.

Na adaptação aos quadrinhos a imagem pode ser melhor trabalhada para traçar mais claramente a ambientação da história. Outro ponto é a

visualização de determinadas cenas na narrativa, como o silêncio, ou mesmo quando há troca de olhares entre personagens. Os quadrinhos permitem um retrato de forma nítida a cena. Segundo Elydio dos Santos Neto “a leitura dos quadrinhos favorece um desenvolvimento mais harmonioso entre as tarefas de analisar racionalmente e o trabalho de ler o mundo com sensibilidade.”

O professor precisa cuidar para que não haja um empobrecimento no estudo das HQs, pois não se pode deixar de explorar o potencial artístico e comunicacional desta linguagem. No ensino de língua portuguesa, principalmente, procurar explorar o gênero, a estrutura, a interpretação do texto/contexto. Não usar o texto como pretexto para explorar questões puramente gramaticais.

A abordagem em língua portuguesa pode contemplar o uso da linguagem verbal e visual construindo a narrativa; a sequência, as partes da narrativa; elementos da narrativa; caracterização de personagens; o papel do narrador; os tipos de discurso; breve análise do contexto em que a obra foi escrita; comparação entre a obra adaptada em quadrinhos e a obra original.

#### **4. As HQs na sala de aula**

O uso específico em sala de aula depende do planejamento do professor. Conforme Calazans (2004, p.21), os critérios para a utilização intencional das HQs em sala de aula devem ser definidos e planejados pelo próprio professor, a fim de que este possa avaliar qual tipo de HQ será mais útil para o ensino, com base nos conteúdos e objetivos de ensino e de aprendizagem a serem atingidos, em seu contexto de atuação.

O trabalho específico de língua portuguesa com as HQs visa despertar o interesse dos alunos por outras leituras, visto que várias obras da literatura clássica universal estão adaptadas para essa linguagem. Visa, também, estimular a criatividade dos alunos, mostrar que este, além de interpretar, é capaz de estabelecer relações entre textos, contextos, fazer inferências e a partir disso, produzir.

Entre professores/pesquisadores é consensual a ideia que o texto escrito é a parte mais relevante do ensino de português e que o texto não pode servir como pretexto para o ensino de gramática, ou ortografia, por exemplo, uma vez que constitui o objeto de estudo por si mesmo.

Além de se estudar o texto em suas propriedades formais e estilísticas particulares, o texto é visto como um exemplar de gênero do discurso e é por meio da exploração das propriedades temáticas, formais e estilísticas comuns e recorrentes num conjunto de textos pertencentes a um certo gênero que se pode chegar à apropriação destas formas estáveis de enunciado.

Os gêneros podem ser considerados como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação (SCHNEUWLY & DOLZ, 1997; DOLZ & SCHNEUWLY, 1996). Trata-se de formas relativamente estáveis, tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

De acordo com Ferraz e Fusari (1993), as histórias em quadinhos, além de ser uma linguagem artística e de comunicação social, despertam no público infantil e jovem grande interesse devido as suas diversas possibilidades interativas e imaginativas, que podem nos auxiliar a compreender a diversidade de interpretações de imagens e temas nas produções gráficas.

Para Eisner (1989, p. 7), as “histórias em quadinhos comunicam numa linguagem que se vale de uma experiência visual comum ao criador e ao público.” Por vezes, a imagem seduz pelo fato de ser realmente comum entre eles. O uso das duas linguagens, a verbal e a visual, contempla uma interpretação ampla do sentido da narrativa, pois elas se completam. Como afirma Nepomuceno:

É importante ressaltar que o texto constituído por duas semióticas – linguagem verbal e visual – apela não apenas para a concepção da abordagem cognitiva da linguagem, mas também para um processamento mais amplo. O interlocutor precisa acessar outros conhecimentos que a língua apenas não consegue abarcar: aqueles representados pela linguagem pictórica. A orientação parte da superestrutura, quase sempre aparece no primeiro quadro, atuando cooperativamente para que isso aconteça, ou seja, é pelo traço que nos orientamos em direção aos acontecimentos da narrativa. (NEPOMUCENO, 2005, p. 66)

Para o professor Elydio dos Santos Neto, “é importante que quem esteja lendo uma adaptação saiba que não está lendo a própria obra literária, mesmo quando a adaptação mantém-se fiel ao texto literário.” Portanto, o professor precisa orientar os alunos na leitura, ressaltando que a adaptação é a obra recontada, que utiliza outra linguagem e veiculada por outro meio.

## 5. Considerações finais

Nos últimos anos, as histórias em quadrinhos foram redescobertas, principalmente servindo de base, inclusive, para adaptações cinematográficas de grande sucesso. Os programas do governo perceberam que o uso dos quadrinhos para apresentar os clássicos da literatura servia como um trampolim para o despertar de uma nova geração de leitores.

Sem dúvidas, não só para o jovem leitor, mas também para leitores mais seletos e mais experientes, as obras adaptadas em quadrinhos – de boa qualidade – chamam atenção e proporcionam grande prazer no momento da leitura. É um momento em que imagens e sentidos são construídos.

A escolha da obra a ser trabalhada em sala de aula precisa passar pelo crivo do professor, que deve conhecer a obra original a fundo e só depois de um estudo minucioso da adaptação, escolher a que melhor cumprirá o objetivo final: despertar o aluno para diversas leituras.

Muito se questiona a respeito da qualidade nas adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos. Entretanto, muitas voltadas a um público de jovens leitores, apresentam mais vantagens do que desvantagens. Por isso, o papel do professor é fundamental no momento em que apresenta aos alunos tais textos, ressaltando que precisam ser bem planejadas e com objetivos específicos a serem trabalhados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Prefácios: percursos da leitura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Associação de Leitura do Brasil/FAPESP, 2002, p. 9-17.

ARANHA, Gláucio. MOREIRA, Mariana. ARAÚJO, Paula. Adaptações cinematográficas e literatura de entretenimento: um olhar sobre as aventuras de super-heróis. *Intertexto*, Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.

DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad.: Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. *Para o alto e avante*. Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula. Curitiba: Appris, 2012.

MOYA, Álvaro. *Shazam*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

NEPOMUCENO, Terezinha. *Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura em Hq: interações entre textos e leitores na contemporaneidade. Rio de Janeiro: *Revista Semioses*, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; NOVERRAZ, Michele; DOLZ, Joaquim. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.